

REVISTA
ÁFRICA[S]

E-ISSN 2446-7375
ISSN Impresso 2318-1990
Vol. 7 | Nº. 13 | Ano 2020

ANGOLA DO TEMPO PRESENTE

Helder Alicerces Bahu
Patrício Batsíkama
Yuri Manuel F. Agostinho

Editor-Gerente

[Ivaldo Marciano de Franca Lima](#)

Editores

[Detoubab Ndiaye](#), Universidade do
Estado da Bahia, Departamento de
Educação, Campus II

[Dr. Pedro Acosta Leyva](#), UNILAB -
São Francisco do Conde / Ba, Brasil

APRESENTAÇÃO: ANGOLA DO TEMPO PRESENTE

Helder Alicerces Bahu ¹

Patrício Batsíkama ²

Yuri Manuel Francisco Agostinho ³

Angola no tempo presente apresenta-se de um passado próximo e vivo, olhar para este tempo presente obriga-nos a olhar por dimensões: sociais, políticas e culturais que estão implicadas na formação social e na organização social de um país com 45 anos de independência. O tempo presente em Angola nutre-se com as camadas do passado, onde as lembranças e as experiências podem ser acessadas no presente com um passado incorporado.

Nesta edição, destaca-se um conjunto de abordagens relativas a diferentes temáticas do contexto angolano e africano, retratando uma dinâmica em termos de diálogo entre o passado e o presente, sempre numa perspectiva de continuidade analítica. Congregando investigadores de diferentes quadrantes, especificamente Angola e Brasil, este número converge numa abordagem interdisciplinar que congrega assuntos relacionados com: História, Antropologia, Relações Internacionais, Direito, Património Cultural e Educação. Neste contexto, o dossiê Angola no tempo presente trás consigo doze artigos, com diversos olhares e leituras sobre temáticas das sociedades atuais.

Este projecto começa com o artigo *Poder no feminino. Caso da Deolinda Rodrigues “Langidila* da autoria de Patrício Batsíkama. O autor ressalta o papel da mulher na luta de libertação nacional de Angola na qual, pelo MPLA, destaca-se uma das suas principais heroínas, a nacionalista Deolinda Rodrigues “Langidila”. *Em Choro ritual. Um símbolo purificador em contexto angolano*, um estudo realizado por Helder Alicerces Bahu, aborda uma dimensão muito actual ao nível dos rituais de morte no qual se destaca o choro como uma matriz de purificação e elaboração do luto.

¹ Professor do Departamento de Ciências Sociais, Repartição de História do Instituto Superior de Ciências da Educação da Huíla (ISCED-HUÍLA). Mestre em Antropologia: Patrimónios e Identidades e Doutor em Antropologia pelo Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa de Lisboa (ISCTE-IUL). Coordenador do Centro de Investigação e Desenvolvimento da Educação (CIDE). O texto submetido é 100% inédito e não se encontra em processo de julgamento em nenhum outro periódico ou colectânea. helderbahu@hotmail.com

² Historiador e Antropólogo, é Director do Centro de Estudos e Investigação Aplicada no Instituto Superior Politécnico Tocoísta (CEICA/ISPT), Angola. Contato: 23327@ufp.edu.pt

³ Mestre em Ensino de História da África pelo Instituto Superior de Ciências da Educação de Luanda - (2016). Doutorando em História pela Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, Recife, Brasil.
Email: yanessanguifada@gmail.com

Arquivo, arte e memória: ruínas e vestígios na poética de António Ole e Kiluanji Kia Henda. Adriana Cristina Aguiar Rodrigues, analisa as obras de António Ole e Kiluanji Kia Henda salientando a estreita relação entre a arte angolana, arquivo e memória.

Um olhar tripartido sobre as demandas sociais atinentes ao processo de patrimonialização em Angola: história do tempo presente, património e usos do passado. Yuri Manuel Francisco Agostinho, trás ao de cima a dimensão da patrimonialização em contexto angolano numa alusão a várias valências principalmente a histórica.

O Mbanza Kongo/São Salvador do Congo e o reino do Kongo na historiografia colonial portuguesa do século XX. Bruno Pastre Máximo, navegou sobre a perspectiva colonial de Mbaza Kongo numa abordagem a partir da historiografia colonial portuguesa que “desmereceu” o peso pré-colonial da mesma. Claramente que o autor acaba por realizar uma crítica ao postulado colonial de análise, trazendo a ideia de uma história endógena bem vincada.

Tradições Oraís em Zonas de Fronteira: O uso da História Oral na (re)valorização das práticas culturais através das vivências, memórias e educação entre os Bawoyo de Yabi (Cabinda/Angola). Joaquim Paka Massanga, evidencia um pormenor metodológico de enorme relevância em contexto angolano, a história oral e a entrevista como elementos fundamentais para a recolha e valorização da memória dos sobas, anciãos num contexto singular – os Bawoyo de Yabi. A preservação da memória e sua história congregam uma componente importante ao nível da educação não formal da comunidade fronteiriça do Yabi.

“A vitória é certa”: perspectivas histórico-discursivas de “nação”, “produção”, “língua” e “homem novo” no “manual de alfabetização” e “guia do alfabetizador” angolanos (1980). Maria Iracilda Gomes Cavalcante Bonifácio, destacou um pressuposto ideológico fundamental que marcou o MPLA durante o regime de partido único no qual estava elencada toda a estratégia de fortalecimento do socialismo. Este “guia do alfabetizador” marcou a agenda discursiva do referido período que tinha no ideal do “homem novo” todo o seu fundamento e filosofia.

Por outro lado, Elison Antonio Paim e Solange Luís, *Decolonizando tempos, espaços, memórias e experiências educativas na Província de Huíla – Angola: Província de Huíla – Angola: narrativas sobre escolas.* Os autores fizeram uma demorada incursão sobre o complexo universo escolar angolano congregando um diálogo com a epistemologia decolonial, interculturalidade, História Oral, memória, património cultural, História Local e o universo escolar Huílano.

Francisco José Barbosa e Petrônio Domingues, *Angola: a resistência armada amalgamada à força da fé.* Os autores apresentam a dimensão ritual dos angolanos relativamente a fé e o formato cerimonial em caso de morte. Assim, num cenário de interferência colonial e

resistência armada, a força da fé introduziu um paradigma de conservação cultural e valorização da vida.

Aires Paulo Pedro Panda, *Uma reflexão teórica em torno dos 19 anos de paz em Angola*. Partindo do ano de 2002, altura da assinatura do memorando de entendimento do Luena, complementar ao Acordo de Lusaka, Angola conheceu a paz e com ela um conjunto de desafios que o autor, neste artigo, considera incipientes uma vez que o governo angolano resiste em promover a educação, há pouca transparência nos gastos públicos, e a causa são os interesses políticos e a centralização do poder.

Inácio da Ressurreição Mamboma Luemba, *Hegemonia cultural europeia no campo do Direito: uma abordagem voltada para o contexto de Angola*. O autor levanta um assunto de grande pertinência que configura uma espécie de antagonismo entre o direito costumeiro e direito positivo no qual o último acaba por suplantar o anterior por estar amparado pela hegemonia cultural europeia no campo do Direito.

Por fim, Oliveira Adão Miguel, *África: a luta continua! Que remédio para os problemas atuais?* Ressalta uma abordagem muito actual relativa aos problemas do continente africano cuja trajectória política, económica, cultural e social continua a ser objecto de acesos debates pois, entre acertos e desacertos, o continente africano continua associado a má governação, a corrupção, a fraude eleitoral, os golpes de estado, as perseguições políticas, só para citar alguns. Parece haver uma continuidade geracional em termos de estagnação.

Convidamos a leitura, em pormenor, dos artigos que se seguem. Esperamos, que os mesmos suscitem a atenção dos leitores e sejam compartilhados.

Boa leitura!